UM OLHAR SOBRE OS VENCIDOS DA COPA DO MUNDO: UM ENSAIO SOB INFLUÊNCIA DA WEBSÉRIE *COPA 90: LAZARONI, MARADONA E UMA SELEÇÃO (TALVEZ) INJUSTIÇADA*

Caio César Pedron[1]

Resumo: O ensaio crítico aqui proposto tem como principal objetivo apresentar uma análise sociológica da derrota da seleção brasileira na copa do mundo de 1990. Ao invés de construir vilões ou até uma narrativa causal fechada para um evento contingente, quero discutir alguns dos temas que perpassaram o debate público sobre a construção social daquele fracasso, pensando nos limites tanto de uma abordagem que tenta radicar no indivíduo – nas suas ações e omissões – as culpas pela derrota quanto aquela que enfatiza o aspecto societário e coletivo como denominador fundamental para aquele infortúnio. O resultado é menos uma explicação causal e mais uma interpretação dos múltiplos fatores que envolveram esse grande fracasso nacional.
PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Sociologia, Seleção.

A Look at the Losers of the World Cup: an essay over the influence of the webseries: "Copa 90: Lazaroni, Maradona e uma seleção (talvez) injustiçada"

Abstract: The critical essay here proposed has the principal objective to show a sociological analysis of the Brazilian national team's defeat in the World Cup 1990. Rather than building villains or until a causal narrative closed for a contingent event, I want to discuss some themes that permeated the public debate on the social construct of that failure, thinking in the limits of an approach that is rooted in the individual – in your actions and omissions – as an excuse for the loss and also that emphasizes the collective and societal aspect as a fundamental common ground for that failure; the result is less a causal explanation and more an interpretation of the multiples factors that involved this big national flop.
Keywords: Soccer, Sociology, Soccer Team.

[1] Doutorando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp. E-mail: caiopedron99@gmail.com

Introdução

> O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos (BENJAMIN, 1987, p.223).

Na epígrafe citada acima se resume um aprendizado indispensável a todos aqueles que se dedicam a escrutinar a história – seja a contrapelo ou não – a máxima de que os acontecimentos históricos "menores" também possuem sua parcela de relevância quando se trata de resgatar e redimir a humanidade no (e do) seu passado. As "Teses sobre o conceito de História" de Walter Benjamin nos proporcionam uma deferência reflexiva para com os "vencidos da história", aqueles que não tiveram boa sorte nos acontecimentos e figuram como coadjuvantes em uma narrativa que é sempre contada por aqueles que venceram. As glórias do futebol quase sempre consagram os vencedores, times e seleções copeiras que superaram dificuldades e adversários, sob suspeita ou não, e que trouxeram "canecos" para torcedores inebriados pelo espírito da massa gregária.

É pela pena dos cronistas esportivos que a história de um time ou seleção permanece viva nos corações e mentes das gerações futuras, juntamente com as memórias afetivas daqueles que viveram coletivamente sonhos, alegrias e decepções de uma paixão que nos permite pequenos momentos de euforia transcendental em meio à indiferença da rotina vivida. Contudo, se queremos nos reconciliar com a seleção e resgatar o manto verde e amarelo do seu atual significante político unidimensional (LAHUD, DA SILVA, 2019), será necessário mais do que apontar os culpados pelas derrotas passadas, devemos também entender os motivos que nos levaram ao fracasso e aquilo que foi perdido no processo de esquecimento coletivo desses acontecimentos para as sucessivas gerações.

É por essa razão que parabenizo o esforço da MOVdoc – produtora de documentários do UOL – em retratar a história de uma derrota. Tal qual o cronista de Benjamin, a produtora escolheu olhar para uma seleção "talvez" injustiçada pela crítica e esquecida pelas gerações futuras que colheram somente os louros das vitórias de 1994 e 2002. Digo isso, inclusive, porque nasci no ano

de 1992 e conhecia muito pouco da seleção de 90, sabia, tão somente, que o técnico não havia levado o melhor meia armador em atividade no Brasil – pelo menos na concepção dos paulistas – e que o time era retranqueiro e, por isso, não levou a copa.

Nos parágrafos que seguem, ofereço uma análise reflexiva muito movida pela curiosidade que o documentário instilou em meu espírito acadêmico. Nos últimos dias de 2021 desatei a leitura de várias edições da Revista Placar e, também, das muitas entrevistas de atletas, jornalistas e do "grande culpado" pela derrota já esperada e ao mesmo tempo tão incidental. Utilizar-me-ei de algumas discussões das ciências sociais para aprofundar aquelas críticas que continuamente nos alcançam quando falamos da Seleção Brasileira e do Brasil.

1) Uma breve contextualização dos acontecimentos antecedentes

> *Lazaroni, que é brasileiro, dirige a Seleção Brasileira e anuncia um carro brasileiro exportado para a Itália apesar da marca italiana,* ***está exportando uma maneira de jogar italiana apesar de a marca ser brasileira*** (KFOURI, 1990, p.10. negrito nosso).

A história da derrota na copa de 1990 pode ser contada sob vários aspectos, econômicos, políticos, institucionais e até tecnológicos, mas acho por bem começar pelo próprio jogo e por uma citação que sintetiza como ficou conhecida a seleção canarinho de Sebastião Lazaroni. O título emblemático da crônica citada acima "Agora, nós é que somos a Itália" fortalece a analogia de Juca Kfouri que via metaforizada na propaganda de uma montadora de carros estrelada pelo técnico da seleção brasileira a imagem acabada da paradoxal mudança pela qual a seleção passou após as sofridas derrotas de 1982 e 1986.

A revelia da leitura de Benjamin, é preciso afirmar que cultuamos à beça as derrotas da década de 80, valorizamos o belo futebol empregado pelas equipes de Telê Santana que, no entanto, saíram derrotadas com seu estilo romântico tanto quanto o pragmatismo de Lazaroni. Talvez foi porque o advento da derrota não era esperado e o trauma precisou ser processado no fundo de todos aqueles que sonhavam com o belo futebol praticado pela equipe de Zico, Falcão, Sócrates, Cerezo e companhia (i)limitada. Leda Costa (2014) ressaltou bem a resposta incomum que foi destinada por boa parte da imprensa e dos torcedores após

derrota de 82, não houve caça às bruxas ou atribuição do estigma de "culpado" pela derrota, a expiação prescindiu de um sacrifício porque o insucesso fora obra de um destino inexorável, nas palavras da autora:

> Em virtude da interferência dos deuses, a cobrança pela responsabilidade dos indivíduos sobre os acontecimentos perde o sentido, já que a ação humana estaria sob influência da vontade divina. Por causa dessa limitação da ação humana, os heróis trágicos costumam despertar a compaixão do público. Grande parte da recepção da imprensa foi marcada pela compaixão demonstrada em relação a uma seleção formada por jogadores pertencentes à chamada "geração de ouro", que sucumbia diante da Itália. Diferentemente da Copa de 1950, quando alguns jogadores – sobretudo Barbosa e Bigode – foram claramente responsabilizados pela derrota, os jogadores da seleção de 1982 foram alvo de compaixão (COSTA, 2014, p.183).

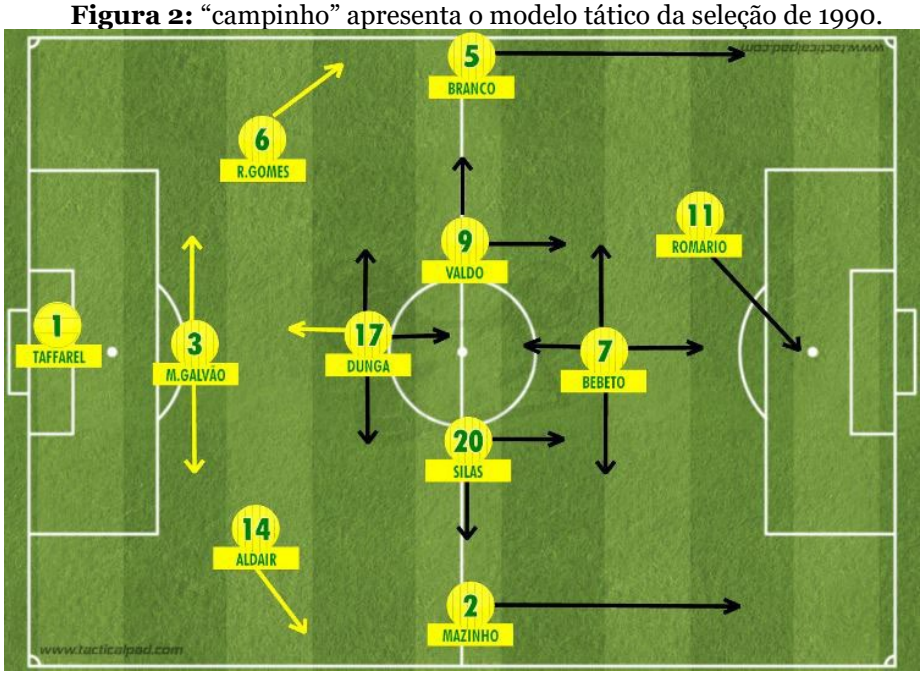
A seleção de 1982 – e menos a de 1986 – foi a exceção à regra, pois, no geral, havia, e ainda há, um verdadeiro processo inquisitorial o qual permite uma desenfreada procura por motivos racionais e ocultos, por analogias simbólicas com o momento histórico do país e, finalmente, por grandes culpados. Da falha do goleiro Barbosa ao meião de Roberto Carlos, da farra das concentrações ao modelo tático de "professor pardal", a "hermenêutica da derrota"[2] é o resultado deste tipo de regressão causal histórica expressa em um exercício reflexivo de atribuição de um sentido único e inequívoco a um acontecimento contingente, fortuito, e, muitas vezes, decidido pelo acaso.

Diferente da certeza da vitória que tínhamos nos insucessos de 82 e 86, esperávamos a derrota do time que jogava no modelo 3-5-2 (tipicamente italiano); com a figura de Mauro Galvão como líbero (tipicamente italiana, embora não só) e com os meio-campistas modernos Dunga e Alemão, jogadores do *calcio* que nada tinham da fina estampa de Sócrates ou da habilidade de um Zico. Estes últimos que, no entanto, também passearam pelo futebol italiano. No documentário, descobrimos pelas memórias do jornalista Luciano Borges que foram as derrotas para Dinamarca (4x0) e Suécia (2x1) em um triangular em Copenhague no ano de 1989 – somadas com um empate (1x1) diante do todo

[2] Essa busca por motivos ocultos, definida previamente pelo resultado, impede o intérprete histórico de fazer um juízo objetivo do curso dos acontecimentos, na busca pelas causas que "mudaram" ou "mudariam" o resultado de um evento. Creio que esse conceito possa me servir, inclusive, para questionar os limites do exercício reflexivo aqui proposto, caberia me perguntar se a procura por essas "respostas ocultas" não eclipsaram uma derrota que ocorreu dentro das quatro linhas, por uma exposição dos três defensores que havia sido comum durante todo o período Lazaroni. Deixo o julgamento para os leitores.

poderoso Milan de Arrigo Sacchi – que fizeram com que o técnico, orientado pelo auxiliar Nelsinho Rosa (COELHO, 2014, ps.1340), fizesse a tão impopular mudança do 4-3-3 para o 3-5-2.

Figura 2: "campinho" apresenta o modelo tático da seleção de 1990.



Fonte: (ROCHA, 2019)

A *era Dunga*[3] nasceu eivada de suspeitas e só não morreu prematuramente porque essa mesma seleção sagrou-se campeã da Copa América de 1989. Nas eliminatórias, o Brasil classificou-se para a copa depois do emblemático caso de Rosenery, a fogueteira do Maracanã. Durante o último jogo das eliminatórias – que confirmaria a classificação do Brasil – o goleiro da seleção chilena, Roberto Rojas, se aproveitou de um fogo de artifício que havia caído próximo a sua baliza para simular uma eventual lesão ocorrida por essa agressão vinda da torcida. Sangraria o arqueiro como um chafariz pelos inúmeros cortes de lâmina de barbear que os colegas lhe aplicaram no rosto; com isso, queriam os

[3] Foi assim que foi apelidado aquele momento histórico da seleção. Dunga, ao levantar a taça em 94, gritou inúmeros palavrões muito em resposta dos julgamentos que sofreu após 1990. Contudo, podemos nos referenciar a coluna que o jogador tinha na Placar Magazine – chamada diário de Dunga – para mostrar como ele próprio contribuiu para personificar certo estilo de jogo: "estou ainda mais convencido de que no futebol moderno uma equipe deve ser aplicada e saber aproveitar suas qualidades para atingir o resultado. Há quem interprete mal o que estou dizendo ou não queira entender. Mas é evidente que não estou esquecendo nossas raízes. **Se tivermos a forças dos europeus, será nossa técnica que irá decidir**. Isso, mais uma vez, Careca mostrou no primeiro gol contra a Suécia" (VERRI, 1990, p.13. grifo nosso).

chilenos forçar um jogo seguinte em campo neutro. A farsa acabou sendo descoberta no dia seguinte[4], Rojas foi banido do esporte e a fogueteira virou capa de revista.

De tudo isso podemos afirmar que o time aos trancos e barrancos foi vencendo sem convencer nenhum dos seus torcedores. A desconfiança pairava sobre a seleção canarinho como um espectro e sua futura derrota seria quase que uma profecia autorrealizada, mesmo que, ironicamente, a eliminação tenha ocorrido no único jogo em que o torcedor sentiu segurança diante da apresentação da equipe. Ironias à parte, no tópico seguinte trataremos do contexto político e social que estava além dos gramados, correlacionado a história política do país com a história do futebol brasileiro.

2) Collor, Teixeira e o cenário geral da tragédia

O documentário retrata muito bem o momento histórico brasileiro e os acontecimentos circunscritos a Copa do Mundo. Vivíamos os atormentados anos de governo Collor que, em 16 de março de 1990, confiscou a poupança dos brasileiros na tentativa de aplacar a inflação galopante que estrangulava o país economicamente. O Secretário de Desporto no período era ninguém mais, ninguém menos que Arthur Antunes Coimbra, o Zico, recém aposentado dos gramados e que foi o primeiro responsável pelo projeto de lei que mais tarde se tornaria a Lei Pelé. Em uma entrevista para a revista *Placar* (1990, p.12) o jovem secretário afirmou:

> Minha indicação desmitifica a imagem de que jogador de futebol é um sujeito alienado. Prova que atleta também pensa, sabe defender suas idéias. Não fui escolhido para o cargo apenas por ter sido um jogador de sucesso, mas, sim, pelas minhas posições e lutas durante 22 anos de carreira [...] tinha consciência de que uma crítica minha sempre iria ter repercussão, por isso não me omitia. Mesmo porque nunca tive rabo preso com ninguém.

O ex-jogador já falava como político, mas, no entanto, acabou sendo "rifado" quando entrou em conflito com a base do presidente que começara a

[4]Após serem reveladas, as fotos do emblemático encontro apresentavam uma situação bastante constrangedora para Rojas, sua suposta lesão ocorreu minutos após a queda do fogo que ficou em uma distância razoável do guarda-metas. Vários atletas foram punidos com proibições temporárias e a confederação chilena foi proibida de participar de jogos oficiais durante alguns anos.

escassear no Congresso Nacional. Collor havia escolhido Zico como secretário apenas uma semana antes do confisco da poupança, talvez, para aproveitar a popularidade do ex-jogador que voltaria aos gramados após sua experiência pública. Inclusive, o Presidente da República foi um daqueles tantos que visitou a concentração da equipe – ainda na Granja Comari –o que foi uma constante durante o mês de junho na Itália e que reforçou a imagem de uma concentração muito pouco concentrada, tal qual àquela da seleção derrotada em 2006[5].

Aqui vale um parêntese, Ricardo Teixeira assumiu a presidência da CBF no ano de 1989 e prometia em sua candidatura trazer modernidade e a racionalidade técnica do mercado empresarial para os campos de futebol. Hoje essa relação parece antitética, mas a época imaginava-se que jovens dirigentes como Teixeira e seu diretor de futebol, Eurico Miranda, pudessem renovar a administração dos clubes e da seleção nacional. Aliás, a escolha de Lazaroni foi feita pelo então diretor de futebol da seleção após o declínio de Carlos Alberto Parreira – que era a primeira opção para assumir o cargo de Carlos Alberto Silva. Parreira e Lazaroni tinham em comum a formação acadêmica e a ideia de que seria necessário desenvolver modelos táticos, técnicos e físicos mais alinhados ao futebol moderno (modernidade como sinônimo de ocidente). Inclusive, em uma entrevista ao blog Ludopédio, Lazaroni (2018) assumiu que a aplicação tática era grande parte da sua intenção para transformar a seleção.

O futebol estava se internacionalizando em ritmo acelerado e o mercado de jogadores começara a se tornar a principal fonte de renda de clubes no Hemisfério sul. Além disso, a evolução tecnológica nas formas de treinamento, avaliação e controle do desempenho dos jogadores impelia o esporte a um modelo de profissionalização muito ligado a sociedade de desempenho que estava sendo gestada em todo o mundo. Como resultado final desse processo ocorreu um aumento gigantesco no número de atletas selecionáveis que atuavam fora do país, a comparação feita por Paulo Vinícius Coelho a esse respeito é ilustrativa (2009, ps.1449-1455):

> Até 1978, a seleção jamais havia entrado em campo, numa Copa do Mundo, com um jogador que atuasse no exterior. Em 1982, o

[5] A imagem que foi veiculada após a derrota do "quadrado mágico" em 2006 foi aquela da jovem torcedora descendo de uma arquibancada para abraçar Ronaldinho Gaúcho. Após a derrota, essa "desconcentração" foi rotulada como um dos principais fatores para a derrota do *dream team* brasileiro.

> time titular tinha um: Paulo Roberto Falcão, da Roma. Em 1986, dos titulares, dois jogavam na Itália: Edinho, da Udinese; Júnior, do Torino. A debandada de 1988 mudou o quadro. Quando estreou na Copa do Mundo da Itália, em 1990, a Seleção de Sebastião Lazaroni estava escalada com nove estrangeiros. Apenas o goleiro Taffarel, do Internacional, e o zagueiro Mauro Galvão, do Botafogo, atuavam no Brasil. E Mauro Galvão já estava negociado com o Lugano, da Suíça. Os outros eram Aldair e Valdo, do Benfica; Mozer, do Olympique de Marselha; Jorginho, do Bayer Leverkusen; Branco, do Porto; Alemão e Careca, do Napoli; Dunga, da Fiorentina; Muller, do Torino. Nove jogadores de sete clubes diferentes em quatro países da Europa.

Essa mudança gigantesca trouxe problemas adicionais para os técnicos da seleção, pois não havia data-FIFA – que só passou a vigorar em 2002 – e os clubes europeus não liberavam os jogadores para torneios, jogos treino e eventos que colidissem com o calendário dos campeonatos nacionais e internacionais que disputavam. A seleção tinha menos tempo para treinar e ainda precisava do dinheiro da participação nestes eventos promovidos fora das datas oficiais de competição internacional, e esse foi o caso do Torneio de Copenhague, citado no tópico anterior, em cuja lista de convocados havia várias baixas como sempre recorda em sua defesa Sebastião Lazaroni.

Tal qual no Brasil de Collor, na CBF de Ricardo Teixeira a modernidade e a racionalidade do cálculo econômico se associavam ao atraso tradicional das relações de compadrio, por exemplo, para conseguir os votos das entidades estaduais federadas Teixeira prometeu os já tradicionais repasses de material esportivo, como, também, de dinheiro vivo como atesta a placar ainda nos idos de 1989[6]. Ricardo Teixeira era genro de João Havelange, eminência parda na FIFA de Joseph Blatter e na CBF desde tempos remotos. Portanto, a solução moderna para a renovação da CBF foi gestada dentro dos quadros da própria tradição da confederação brasileira, as instituições do campo esportivo e sua lógica interna reproduziam em parte uma entropia semelhante a das elites

[6] Uma reportagem muito bem feita apresentava o novo presidente da Confederação Brasileira de Futebol ao grande público. E nos relata o expediente de campanha para a presidência da confederação, seguindo um dos parágrafos da reportagem: "Quem tinha mais sorte abocanhava sua parte em dinheiro. Foi o caso do ex-presidente da Federação de Alagoas, José Sebastião Bastos, que recebeu 702 cruzados novos. A cada decolagem, a garantia de um voto no bolso. O Papai Noel dos pobres tirou a federação potiguar da falência, presenteou a Federação Sergipana com 500 cruzados novos e reforçou seus laços de amizade com as pessoas certas. Ceará e Rio Grande do Norte, agradecidos, deram à taça do (sic) campeão o nome de Ricardo Teixeira". (PLACAR, 1989, p.12-13).

políticas que desde a origem do futebol interferiram em sua prática e almejaram capturar a popularidade do esporte para uso eleitoral (SOUZA, 2008).

Uma das grandes polêmicas que permearam os noticiários esportivos durante o período da Copa do Mundo foi, sem dúvida alguma, o escândalo da Pepsi. É que a CBF rompeu com a marca de refrigerantes Coca-Cola nas vésperas do torneio continental de olho em uma bolada maior paga pela concorrente; ocorre que aos jogadores era destinada uma cota parte daquele montante recebido pela instituição com publicidade, nas palavras de Mauro Galvão: "os jogadores tem por direito, [de] tudo que se recebe de publicidade, 20%"[7], e os atletas foram informados que estavam recebendo a porcentagem de um montante menor que o valor real do contrato. Isso provocou uma revolta coletiva e fez com que os jogadores posassem para uma foto um pouco antes de embarcarem para a Itália com as mãos escondendo a logomarca da empresa:

Figura 1: Seleção posa para uma foto de "protesto"

Fonte: (LOUREIRO, 1990)

Em sua entrevista para o documentário Lazaroni afirma que foi uma ideia sua – a colocação da mão direita de todos os atletas sobre a logomarca – para que os jogadores demonstrassem patriotismo, o que é prontamente rebatido como

[7] Episódio 3: Protesto contra Pepsi e era Collor: o primeiro escândalo da era Ricardo Teixeira na CBF. **Copa 90: Lazaroni, Maradona e uma seleção (talvez) injustiçada**. Direção: Douglas Lambert. Produção: Caroline Monteiro, Natália Mota, Vanderlei Lima. São Paulo: MOVdoc/UOL. 30/11/2021. Youtube. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=P2RqJ708ROQ> Acesso em 23/12/2021.

galhofa[8] por todos os atletas entrevistados pela equipe do documentário. A "nova gestão" substituiu um patrocinador às vésperas da copa do mundo e procurou por meio de algum expediente impróprio pagar menos do que o devido aos jogadores que, por sua vez, fizeram protesto contra a imagem da marca até conseguirem o que lhes era de direito.

Esse episódio exemplifica como foi atribulada a concentração, no documentário, Romário explicita bastante bem como havia disputas por espaço no time, formas de jogo, patrocínio, distribuição de bichos e comissões, tudo que levava a múltiplas reuniões e um descolamento do foco na competição. Somando as atividades de divulgação: a visita a montadora que patrocinava a seleção e que tinha no técnico seu garoto propaganda, a estadia em diferentes hotéis com a família, as frequentes visitas de personalidades à concentração; resultava-se uma receita perfeita para ampliar as tensões e diminuir o isolamento necessário para a preparação antes do evento.

Apesar do que foi citado acima, não é possível estabelecer uma relação de determinação entre o contexto desordenado da história política brasileira e da instituição CBF e os fracassos nas Copas do Mundo, mesmo porque, apenas 4 anos separavam o Brasil de uma vitória e ela não fora resultado do Plano Real ou de uma mudança substancial nos quadro da CBF e, muito menos, em 2002, resultado da ascensão de um operário a Presidência da República. Uma leitura fundada na perspectiva de Joel Rufino (1981) tenderia a correlacionar essas diferentes esferas da vida sem as mediações necessárias, ou precipitadamente, tornando os fracassos de 74 e 78 como resultados da forma de organização militar[9] da sociedade civil, uma negação do aspecto criativo e insurgente da cultura popular expressa no drible, na pelada, na inventividade da democracia do período anterior[10]. Outro reducionismo estaria posto em relacionar as derrotas à

[8] Repare que quase toda a comissão técnica não cobriu com a mão a logomarca, talvez eles – incluindo aqui o próprio Lazaroni – não fossem tão "patrióticos" como os atletas.
[9] Isso não significa que neguemos a "intervenção militar" no campo esportivo, pois a partir do fracasso de 1966 há um incremento contínuo de militares aos quadros das comissões da CBD, culminando com a presidência do Almirante Heleno Nunes (1975-1979). A atuação da AERP e do DIP produzindo mídia esportiva para consumo de massa associada ao regime militar é também bastante significativo para entendermos a indústria cultural de propaganda do regime (SOUZA, 2018, p.242-243).
[10] Rufino não é tão literal como os críticos fazem parecer e, em alguns pontos do seu livro, faz algumas mediações muito interessantes entre a forma de organização do trabalho e da política com as possíveis reverberações para o gramado. Desde Getúlio Vargas a seleção serviu como espécie de vitrine nacional, como expressão acabada, inclusive, da ideologia racial propagada pelo Estado Novo e, depois, pela ditadura, o que demonstra pontos importantes de conexão entre a política e futebol. Mas o desenvolvimento do futebol

aceitação de um modelo tecnocrático, como fora o time *militarizado*[11] (STÉDILE, 2022) de Cláudio Coutinho em 1978 e, depois, de Lazaroni em 1990. A seleção de 1982 fora a mais encantadora desde a tricampeã e, contudo, perdeu, como também perderam as seleções da *nova era Dunga* em 2010 e a do "quadrado mágico" em 2006.

Entretanto, se não é possível estabelecer uma relação causal fechada ou um sentido teleológico unilateral, pode-se, ao menos, correlacionar o desempenho da seleção aos processos de transformação histórica pelo qual passava a sociedade brasileira, pois *a verdade do processo social também é a verdade dos destinos individuais* (LUKÁCS, 1968). Sem forçar o argumento poderíamos pensar nas mudanças estruturais pelas quais passava o futebol brasileiro e mundial, da transformação do esporte em um negócio bilionário e do jogador em um comodities rara e precificada por um mercado específico. Uma verdadeira ênfase no sujeito do desempenho[12] foi sendo corporificada em uma *conduta de vida* muito específica que já era notada desde o final dos anos setenta (ARAUJO, 2018) e que se tornou ainda mais intensa nos anos vindouros.

3) Algumas tentativas de explicação do infortúnio

> Certamente cabem algumas atualizações, mas a estrutura básica se mantém desde o Maracanazo: levantam-se hipóteses sobre os motivos que estão por trás do fracasso em campo; há a revelação de possíveis problemas internos como brigas, excessos de confiança ou algo parecido; **procura-se os culpados da derrota que geralmente são técnicos, zagueiros ou goleiros**; tenta-se fazer um esquadrinhamento dos problemas externos ao campo relativos à organização do futebol nacional;

também tem suas peculiaridades, sua racionalidade própria, amparada no desenvolvimento tático, técnico e físico que moldou muito das transformações ocorridas no jogo e isso não pode ficar preso a pura analogia com o comportamento rígido do militarismo. Inclusive, a geração de ouro – 1982 e 1986 – foi toda ela formada em período militar e jogava um futebol vistoso, alegre e ofensivo e, se fosse alegado que ela era o germinar de uma nova fase, essa nova fase desembocou na seleção de 1990 e 1994 que muito pouco herdou da lírica geração de ouro e, contudo, sagrou-se campeã jogando esse tal *futebol-força*.

[11] Não tratarei aqui das intersecções entre o campo político e o esportivo que poderiam nos fornecer pistas sobre esse estilo militarizado que enfatizava um futebol "científico" e vinculado a formação das escolas – primeiro militares – de educação física no Brasil. Sugiro a leitura atenta do livro de Denaldo Alchorne de Souza (2018) que, ao meu ver, consegue correlacionar essa história institucional/política do esporte como parte, mas não totalidade, dos desenvolvidos ocorridos no esporte.

[12] As contribuições de Dardot e Laval (2016) são boas para pensarmos no mercado de trabalho e formação profissional dos jogadores de futebol. A exploração do máximo rendimento do corpo dos atletas, do estímulo a concentração sem intermitência, do score de cada equipe e cada atleta em particular faz do esporte de alto rendimento um modelo de obtenção dos "melhores resultados" na exploração da força de trabalho de seus profissionais. Lesões futuras, distúrbios psicológicos, alimentares e Burnout são uma constante dentro e fora de campo, levando muitos atletas a exaustão e condenado carreiras promissoras ao fim precoce.

> busca-se atribuir sentido moral às possíveis falhas dos jogadores e à atuação da seleção em conjunto; confere-se significado pedagógico à derrota, ao tomá-la como uma lição que deve ser aprendida para se evitar derrotas futuras (COSTA, 2020, p.55, negrito nosso).

No trecho acima citado, condensa-se um interessante procedimento de análise proposto por Leda Costa no livro *Os Vilões do Futebol (*2020) e que utilizaremos nas próximas páginas. Destacaremos **os culpados que personificaram o fracasso do selecionado nacional** que foram identificados através de um inquérito dos exemplares da Placar Magazine e, também, por meio de uma observação atenta do documentário. Primeiro, apresentaremos o "maior culpado" por este infortúnio da seleção, *Sebastião Lazaroni e seu esquema de jogo retranqueiro*; em segundo lugar, os jogadores do escrete, com especial ênfase para aqueles que não foram convocados – mais uma "culpa" do técnico – e para o representante mor desta nova geração: Dunga*, que personificou com seu estilo de jogo e com seu "estilo de vida" toda uma geração de atletas.*

A) A culpa é do Lazaroni![13]

Sebastião Barroso Lazaroni era um jovem técnico com futuro que parecia promissor quando foi convidado para assumir a seleção brasileira, neste momento de sua carreira já havia conquistado três títulos estaduais e vivia sua primeira experiência internacional; além disso, também era formado em educação física e adotava algumas frases que exemplificavam – com um tanto de pedantismo[14] – a sua formação acadêmica: *galgar parâmetros*, *sinergia*, *lastro físico*, dentre outras. Contudo, a escolha de Lazaroni havia sido por proximidade, o famoso "tudo que é do Vasco é melhor" de Eurico Miranda e a sua contratação servia como resposta de Teixeira a gestão anterior, como se para começar uma nova gestão na CBF fosse necessário mudar tudo o que havia antes, inclusive o

[13] Essa pulsante afirmação que foi proferida por uma torcedora é exibida logo no primeiro capítulo do documentário reitera um pouco da crítica que tomaram os jornais e as ruas do Brasil depois do dia 24 de Junho de 1990.

[14] A imagem do professor pardal que já havia sido colada no também professor de educação física e militar Carlos Coutinho retornava para adornar o estilo de pensamento inconteste do mineiro de Muriaé. Após o fracasso na copa de 2018, Adenor Leonardo Bachi – o Tite – também foi acusado de pedantismo pelo uso de palavras como: extremos desequilibrantes, performar, sinapses, todas compunham um novo léxico alcunhado de *Titês* para os críticos, ou seja, um dos expedientes de atribuição de culpa para os técnicos é o da pecha de professor pardal.

treinador, visto que Carlos Alberto Silva havia saído derrotado das Olimpíadas de 1988.

Havia quase que uma *afinidade eletiva* entre a conduta dos novos dirigentes da CBF e do seu treinador, inclusive, ele se tornou o garoto propaganda dos patrocinadores da seleção – a Pepsi e a Fiat – que estiveram envolvidas em algumas polêmicas das quais já tratamos nos capítulos acima. Muitos críticos da seleção apontavam para essa confluência perversa, afirmando o seguinte:

> Como pode um técnico transmitir seriedade como garoto propaganda? Dirigir a Seleção requer responsabilidade e trabalho, o treinador deve acompanhar vários jogos, conhecer as novidades para chamar bons jogadores. Deve ser independente e Lazaroni não criou essa imagem. (CEREZO, 1990, p.22).

Os patrocínios nas camisas dos clubes de futebol ainda eram recentes e a relação entre publicidade e esporte vista como um sacrilégio. Ronaldo Helal (1990) afirma que poderia haver uma perda da aura, uma sensação de desencanto proporcionada pela mercantilização extensiva de todos os aspectos do esporte moderno. Para além disso, a imagem de que o treinador estaria mais preocupado com seu patrimônio pessoal do que com a atividade esportiva despertava a ira dos que viam em suas atitudes a conduta de um "mercenário". Esta imagem de dependência do técnico para com a Confederação Brasileira de Futebol e também para com os patrocinadores reverberava de alguma forma no elenco, pois despertava certa suspeita quanto a correta divisão das comissões (bichos) além do montante aquilatado em patrocínios.

Mas este não foi o principal objeto de crítica ao treinador da seleção brasileira naquele período, talvez a melhor síntese do que pensavam torcedores, jornalistas e comentaristas tenha sido publicada na Placar Magazine logo após a derrocada do selecionado, na edição de 29 de julho de 1990:

> A derrota para a Argentina encerra a pior participação brasileira em copas desde 1966 com uma ironia: **o esquema de Lazaroni, que privilegiou a disciplina tática**, não resistiu ao primeiro encontro com o talento (KFOURI, RODRIGUES, 1990, p.4. negrito nosso).

As críticas versavam sobre a escolha do modelo "retranqueiro" que o 3-5-2 emulava na mente da maioria dos torcedores e dos comentadores especializados. A seleção brasileira havia se notabilizado por jogar com três

atacantes e, no elenco selecionado, haviam cinco bons atacantes que poderiam atuar juntos com uma eventual mudança de esquema como bem notara figuras importantes como Armando Nogueira[15]. O veterano Evaristo de Macedo que acabara de ganhar mais um título – o hexacampeonato gaúcho pelo Grêmio – afirmou peremptoriamente:

> A Alemanha não sabe e nem se atreve a jogar diferente. Todas as equipes do país atuam nesse esquema. Aqui, não conheço nenhuma equipe, de divisão inferior que seja, que jogue com líbero. Temos de tudo, 4-3-3, 4-4-2, 4-2-4, menos líbero. Por isso, na Copa, em vez de ver o legítimo futebol brasileiro, vi brasileiros travestidos de europeus. Perdemos por isso. [...] Olha, é o seguinte: o Brasil come feijão com arroz e tem sua forma de viver. O italiano come massa e leva a vida a sua maneira. E assim por diante. O Brasil tem é de preservar sua identidade também no futebol. Não precisa ser campeão do mundo (MACEDO, 1990, p.25).

A observação de Macedo descortina um sentido oculto da crítica ao sistema de jogo da seleção brasileira sob o comando de Lazaroni, tratava-se de um problema de identidade, pois o estilo de jogo tipicamente brasileiro era aquele dos floreios em campo, da busca ofensiva pelo gol e da *dansa dionisíaca* (FREYRE, 1938). Mesmo os nossos craques mais apolíneos, como Djalma Santos e Pelé, radicavam junto ao jogo mais objetivo e racional uma finesse estética do trato com a bola, uma tradição que tanto era inventada por cronistas esportivos quanto imaginada por torcedores, em uma combinação de mito e sonho muito pouco afeita as relações hierárquicas diretas de dominação (HELAL; GORDON JR, 2001, p.69). Há, portanto, um outro futebol no qual se desenrola um jogo de palavras: aquele no qual são debatidas as ideias e os valores centrais que norteiam o que poderíamos chamar de cultura brasileira (GUEDES, 2000, p.556), um esporte cuja função simbólica para o coletivo nacional é muito maior do que apenas o de ratificar um regime ou alienar a multidão.

Mas, retornando para o argumento geral, Paulo Vinícius Coelho (2014) defende a tese de que não havia uma cultura tática disseminada no debate público brasileiro para se lidar com a mudança na disposição dos jogadores em campo e,

[15] Em uma entrevista bastante interessante na Revista Placar, Armando Nogueira defendia um time com três atacantes, Bebeto e Müller pelos flancos e Careca, o grande nome daquela seleção, mais ao centro. Além destes três, compunham o elenco, também, um Romário lesionado e Renato Gaúcho. Boa parte, se não a inteireza das críticas populares e dos comentadores esportivos versava por essa ausência de jogadores à frente da linha de meio campo.

por isso, figuras tão dispares como Evaristo de Macedo e Armando Nogueira condenavam o novo estilo de jogo da seleção. Hoje sabemos que o comportamento de cada um dos atletas individual e coletivamente (função e posicionamento), a filosofia de jogo de um treinador e até mesmo o adversário enfrentado influenciam o comportamento tático tanto ou até mais que a disposição dos atletas em campo, isto é, existem esquemas como o 3-5-2 da seleção brasileira de 2002 – veja quanto tempo para a seleção adotar novamente esse modelo – que podem ser ofensivos e, também, modelos mais balanceados como o 3-5-2 de Murici Ramalho no São Paulo multicampeão dos anos 2000.

O principal limite apontado por muitos estava posto na organização defensiva da seleção brasileira. O modelo de três zagueiros do 3-5-2 necessitava da figura de um líbero, ou seja, um zagueiro central que ficava mais atrás dos outros dois defensores, fazendo coberturas e ficando na chamada "sobra" para o caso de um jogador escapar ou três adversários superarem o bloco de marcação no meio. No caso do time brasileiro, Lazaroni continuava a marcar por zona e expunha muito o libero além de deixar "buracos" na defesa como resultado da movimentação na zona de marcação. A esse respeito, Toninho Cerezo (1990, p.22-23) disserta:

> Foi utopia esperar que, em poucos meses, nosso time desenvolveria a marcação homem a homem. Assim, a primeira vez que a Argentina foi ao ataque, a defesa marcou por zona intuitivamente. Mauro Galvão não grudou em Caniggia no lance do gol e ainda mostrou despreparo para executar a função.

Para alguns críticos, o correto seria fazer marcação individual e, com isso, fixar os dois defensores em seu posicionamento como apontou acima Toninho Cerezo e, também, o atacante Casagrande (1990, p.7. negrito nosso) logo abaixo:

> Em time com líbero, os outros dois zagueiros tem de marcar por pressão. E no meio de campo, os dois homens que jogam logo à frente da zaga devem fazer meia pressão. Se não for assim, o líbero não tem muito sentido de existir**. Ele já se posiciona atrás da linha de zagueiros tirando o impedimento** e, se o time adversário tiver alguém com um pouco de habilidade para lançar um atacante, vai ficar na cara do goleiro. Garanto que, na Europa, Lazaroni não viu time algum com líbero e marcando por zona.

O centroavante, que na época também jogava no futebol italiano e havia composto o elenco da seleção de 1986, adiciona ao nosso diagnóstico a ideia de

que os dois volantes, Alemão e Dunga, deveriam ficar mais presos a linha de marcação para fortalecer a compactação naquele setor e manter a marcação individual dos dois defensores. Além disso, apresenta a principal ideia para a extinção do líbero no jogo moderno: **a linha de impedimento**, pois o líbero acabava permitindo aqueles lançamentos longos que jogadores com alguma visão de jogo e boa qualidade de passe poderiam aproveitar.

Portanto, os erros atribuídos a Lazaroni concentravam-se especificadamente: 1) nos seus vínculos – espúrios porque mercantis – com a CBF e com os patrocinadores; 2) no esquema tático considerado retranqueiro, cujo estilo pouco ou nada tinha a ver com o futebol-arte que orienta a nossa identidade nacional (GUEDES, 2002, p.9) e 3) na forma de organização defensiva que orientou os zagueiros para marcação por zona quando deveriam atuar marcando individualmente. A experiência curta do treinador e o pouco tempo de trabalho são sempre considerados elementos menores na atribuição dos motivos que levaram ao desfecho indesejado.

B) A Era Dunga e o elenco selecionado

> Tudo porque, num único lance, o gênio de Maradona provou que a "Era Dunga" ainda vai ter que esperar. O talento continua falando mais alto, até quando não está inteiro. "Estou jogando com meio Maradona. Mas, mesmo com uma perna só, ele é a diferença", concordava o técnico vitorioso Carlos Bilardo" (KFOURI, RODRIGUES, 1990, p.4).

Dunga tinha 27 anos quando participou da 14ª edição da Copa do Mundo de Futebol FIFA ou *Italía'90* como dizia a logomarca da competição. Era um jogador ainda jovem, mas com experiência, inclusive internacional, pois jogava à época na Fiorentina. A geração que havia encantando o país nos anos de 1982 e 1986 abria passagem para estes novos jogadores, que estavam mais adaptados ao "futebol moderno" porque atuavam em sua maioria em território estrangeiro. Dunga era quase que um candidato perfeito a vilão daquela derrota, pois "tudo nele desagradava, desde o seu cabelo espetado e, principalmente, seu estilo de jogo, considerado truculento e "europeizado". Seu nome era quase um xingamento (COSTA, 2020, p.137). No documentário algumas passagens a esse respeito parecem exemplares:

> Sob o aspecto midiático, Copa do Mundo é marco e referência para muitas situações na vida do futebol. A *era Dunga* já ... era uma tática usada midiaticamente num insucesso a isolar membros e atacar como representação de uma coisa negativa (LAZARONI, 2021).

> E como ele foi o cara que o Lazaroni escolheu que teoricamente teria que ser o líbero[16] e não tinha ninguém que fazia essa função de libero, então ele resolveu fixar o Dunga ali como grande cabeça de área, o volante brucutu que a gente fala, ele pagou um preço muito grande porque ele passou a ser o símbolo daquele futebol defensivo que a gente não estava muito acostumado (PRÓSPERI, 2021).

Se é bem verdade que o atleta não era um jogador tão limitado tecnicamente quanto a pecha que queriam lhe impor de caneludo, também não era falso que sua personalidade carrancuda (KFOURI, 2021) acabava permitindo a correspondência entre a simbolização do *futebol-força* e o vigor do atleta em campo. Talvez Dunga fosse mais brucutu fora das quatro linhas do que dentro dos gramados, e esse traço de caráter acabou lhe garantindo um espaço privilegiado no imaginário melodramático: Dunga era o verdadeiro *vilão de mil faces* ou de sete vidas (COSTA, 2021, p.137), pois seu estilo histriônico, explosivo e truculento era quase um pastiche para o jornalismo esportivo que voltaria a outorgar-lhe a pecha de vilania quando se deram as duas passagens do personagem como técnico da seleção nacional.

Outra crítica importante quando se trata do elenco da seleção tinha por referência os atletas convocados para aquela copa. Podemos nos apropriar do maior exemplo, o caso de José Ferreira Neto, o *Craque Neto*, que já externou publicamente sua insatisfação por ter sido preterido da lista final de convocados. Em resposta as acusações feitas por Neto e por muitos outros críticos, Lazaroni afirma que a boa fase do jogador havia se concretizado apenas no segundo semestre[17] de 1990 e que nem ele e nem Carlo Alberto Silva o convocaram com frequência previamente, além isso, afirma o ex-comandante da seleção:

[16] Prosperi confunde a função de 1ºvolante com o líbero, quem atuou como "último homem", na sobra da dupla de zaga, foi Mauro Galvão. Achei por bem manter a sua digressão com este erro de nomenclatura.
[17] Descobrimos, em uma reportagem sobre a possibilidade de transferência de José Ferreira Neto para o Lecce, que um dos principais promotores da tese da injustiça em sua não-convocação foi Pelé, segue a passagem que trata do assunto: "um fator fundamental foi Pelé, num programa da emissora italiana Telemontecarlo, afirmar que o Brasil iria mais longe na Copa se contasse com Neto" (PLACAR, 1990, nº1049, p.12). Na mesma reportagem há um quadro que narra a carreira acidentada do jogador, com momentos de brilho intenso e outros de ocaso e ofuscamento, algo que indica a inconstância do atleta durante os anos de 1983-1990.

> Porque no somatório técnico, comportamental, global de jogador de ponta, ele, nas oportunidades, não respondeu à altura. Ele e outros não ficaram na lista final, e em função disso... tá bom, eu errei. Por que ele não foi antes, em 86, e por que ele não vai depois, em 94? É um tiro? Balão japonês?... Mas usa isso no espaço dele como uma vítima. Ah, pelo amor de Deus. Infelizmente, não me agrada a conduta, a forma, e vejo com muito pesar uma empresa se dispor a dar oportunidade a um tipo de esculacho (LAZARONI, 2018, sp).

Tita se adaptava muito melhor ao modelo de jogador profissional e bom moço que Lazaroni queria na seleção, um modelo mais profissional, padrão europeu, alinhado com uma visão até um pouco autoritária do comportamento tido como desviante. Mais um ponto em comum entre Coutinho e Lazaroni, ambos os técnicos primavam por esse "comportamento extracampo" e, também, tinham apreço pela ciência do esporte tendo sido formados academicamente para pensar a prática esportiva de alto rendimento (STÉDILE, 2022). Soma-se a isso que o modelo de jogo escolhido dava preferência para meio-campistas de marcação/transição, os famosos "volantes modernos" que as figuras de Dunga, Alemão e até mesmo Valdo emulavam tão bem.

Entretanto, é preciso dizer que haviam outros atletas que também poderiam ter sido convocados e que, inclusive, tinham melhores credenciais que Neto para as funções requeridas naquele sistema de jogo. Por exemplo, Júnior que havia jogado as copas anteriores[18] e que voltara ao Flamengo estava atuando em alto nível e sabia muito bem como funcionava o esquema italiano do 3-5-2; Edu e Mirandinha estavam em ótima fase no Palmeiras; o jovem Zinho também havia se destacado no ano anterior. As duas escolhas polêmicas foram Tita e Bismark, ambos jogadores do Vasco da Gama e, também, ex-comandados de Lazaroni, o que aponta para uma decisão muito menos impessoal do que aquela que o treinador afirma ter feito.

Contudo, tentar explicar a derrota de 1990 como fruto das decisões externas – convocação de atletas, vínculo do técnico com patrocinadores, dependência para com a Confederação Brasileira de Futebol, estilo de jogo, concentração desconcentrada – é tão limitado quanto reduzir a crítica ao

[18] Toninho Cerezo, que foi citado acima como comentador, também estava jogando em alto nível na Sampdoria, possuindo idade semelhante à de Júnior e experiência no selecionado. Na entrevista da qual retiramos suas opiniões citadas acima, é possível observar uma espécie de ressentimento do atleta que não entendeu por que foi preterido das convocações da seleção.

"suposto" erro de Dunga na marcação de Maradona, ao gol perdido por Careca ou até aos dois balaços que acertaram o travejado de Goycochea. Há razões táticas, técnicas, geracionais e até erros individuais que podem ser levados em conta como "causas adequadas" para explicar a derrota, mas nenhuma delas consegue abarcar a contingência do acontecimento.

A esse respeito, o documentário ilustra muito bem a antinomia constituinte dessa derrota, pois a eliminação para a Argentina não foi resultado direto de todos os erros cometidos por CBF, Lazaroni e mesmo pelo elenco "rachado" entre si e com a confederação. Foi uma derrota eminentemente contingencial, no melhor jogo que a seleção fizera naquele torneio, contra um time que havia se classificado para o mata-mata na "bacia das almas" e cujo principal nome – Maradona – jogava lesionado. Foi eliminada por uma Argentina que atuava no mesmo 3-5-2 condenado pela torcida brasileira e que parece ter sido a "moda tática" dessa copa.

Conclusões

> A história do futebol brasileiro possuía um sentido. Era preciso desvendar as razões das derrotas para a equipes da Itália em 1938, da Hungria em 1954 e, principalmente, do Uruguai em 1950. Somente assim se entenderia os problemas que os brasileiros deveriam suplantar. Somente a partir da conscientização da própria historicidade é que os brasileiros poderiam aprender a ser moderados em suas reações e equilibrarem dentro de si diferentes aptidões. O sofrimento e a dureza eram provações necessárias, pelas quais poderiam testar seu caráter e forjar sua personalidade, com o objetivo de enfrentar, de cabeça erguida, todos os obstáculos da vida (SOUZA, 2018, p.85).

A requintada teodiceia elaborado por Mário Filho (2010) e desenvolvida por outros tantos intérpretes do futebol nacional contava uma história de insucesso, sofrimento e fracasso que fortaleceria a crença soteriológica de que haveria um herói ou um conjunto heroico de atletas que suplantariam as condições adversas de nossa sociedade e celebrariam através de suas vitórias a unidade através da cultura nacional. O panteão de divindades que contou com Friedenreich, Leônidas, Garrincha e Pelé, permaneceu sendo ocupado por figuras da cepa de Rivelino, Romário, Ronaldo, Rivaldo e até mesmo o anti-herói Dunga

que em 1994 foi chamado por Galvão Bueno de “Rambo Brasileiro” (COSTA, 2021, p.148).

A permanência deste modelo de construção narrativa acusa sua função social para muito além de mero apêndice da dominação ou resquício de uma compreensão tradicional de mundo, nas sociedades secularizadas a esfera esportiva e o subcampo do futebol produzem sentido socialmente compartilhado, preenchem a vida com esperança e indignação, produzem símbolos, valores e emoções. Tratamos aqui das teodiceias do sofrimento (PEDRON, 2021), das explicações sociais dos infortúnios esportivos e suas lógicas tão pouco racionais, mas nem por isso desimportantes nos processos de sublimação da derrota e expiação das culpas, pois entender esse processo é importante para punir menos e acolher melhor os nossos possíveis heróis ou vilões.

Em resposta às provocações estimuladas pelo documentário, creio que não seja possível afirmar que o insucesso na copa foi uma injustiça do destino como outrora acontecera com a seleção de 1982, mas o seu esquecimento, sim, foi injusto, pois impediu que pensássemos racionalmente sobre os limites daquele modelo de organização do futebol, do entendimento parco que tínhamos da evolução do jogo e da necessidade de qualificar tática e tecnicamente o esporte. O esquecimento daquela derrota pode ter nos custado avanços substantivos na formação profissional dos nossos quadros técnicos e na ampliação de uma cultura tática que só parece ter vicejado após outro debacle, ocorrido 24 anos após os fatos aqui relatados e cuja expressão – “7 a 1” – ganhou vida como bordão que condensa o fim de um ciclo econômico, político e esportivo que parecia promissor para o Brasil.

Referente a copa de 2014, podemos fazer uma boa comparação entre as duas seleções. Ambas estavam em um processo de mudança de gerações, foi a primeira copa de Neymar – que não fora chamado por Dunga em 2010 – e de uma geração que venceria muitos torneios sul-americanos e, também, alcançaria o título inédito das Olimpíadas. Do elenco de 1990, permaneceram 11 jogadores para a copa seguinte, cinco dos quais eram titulares – e poderia ser 13 jogadores e seis titulares, tendo em vista que o titular Ricardo Gomes e o reserva Mozer foram cortados por lesão pouco antes da copa. Portanto, no caso das duas

seleções, *foi a continuidade de um processo de mudança geracional e não o seu rompimento o que se verificou nos anos seguintes ao debacle*.

Por tudo isso, creio que a websérie tenha vindo em muito boa hora – as vésperas de uma nova copa do mundo –, pois ela nos permite pensar os múltiplos condicionantes desta derrota e sua relação com os limites estruturais do futebol e do nosso país, mas também nos ensina que a racionalidade do jogo nem sempre dita o resultado final dentro de campo. Partindo da retomada dessa história podemos reconhecer aqueles elementos que permaneceram como *entraves ao desenvolvimento do nosso futebol* e, também, aquela *forma de discurso persecutório que pouco amplia nosso conhecimento sobre os próprios fracassos*, pois ao assumi-lo ficamos reféns de nossa própria ignorância, limitados por aquilo que desconhecemos ou achamos que sabemos sobre um fato.

Referências

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. "GÊNIOS DA PELOTA" (PARTE II), POR RICARDO BENZAQUEN. BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social. Disponível em:< https://blogbvps.wordpress.com/2018/07/06/genios-da-pelota-parte-ii-por-ricardo-benzaquen/> Acesso em 05/01/2022.

BENJAMIN, Walter - Obras escolhidas. v.1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 223.

CASAGRANDE, Walter. Casagrande: O Brasil não sabe jogar com o líbero. In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº1043, 15 de junho de 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=w9VmPYnrXJ4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/12/2021 às 17:00.

CEREZO, Antônio Carlos. Cerezo Arrasa Lazaroni. Placar Magazine, São Paulo: Editora Abril, nº1047, 13 de junho de 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=QSYEkLQfLyUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/07/2022.

COELHO, Paulo Vinícius. **Bola Fora**: a história do êxodo no futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009. Ebook.

COELHO, Paulo Vinícius. **Tática Mente**: a história das Copas explicada pelas cabeças e pranchetas dos treinadores. São Paulo: Panda Books, 2014. Ebook.

COÍMBRA, Arthur Antunes. Zico para fazer dos sonhos realidade. In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº1030, 16 de junho de 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=1tl02-FlstQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/12/2021 as 17:00.

Copa 90: Lazaroni, Maradona e uma seleção (talvez) injustiçada. Direção de Douglas Lambert. Produtora: MovDocs/UOL. São Paulo: UOL. 2021.

COSTA, Leda Maria da. 1982: lágrimas de uma geração de ouro. In: HELAL, Ronaldo. CABO, Álvaro do [orgs.]. **Copas do Mundo**: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. pp.165-194.

COSTA, Leda Maria da. **Os Vilões do Futebol:** jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris, 2020.

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Coautoria de Christian Laval. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

Episódio 3: Protesto contra Pepsi e era Collor: o primeiro escândalo da era Ricardo Teixeira na CBF. **Copa 90: Lazaroni, Maradona e uma seleção (talvez) injustiçada**. Direção: Douglas Lambert. Produção: Caroline Monteiro, Natália Mota, Vanderlei Lima. São Paulo: MOVdoc/UOL. 30/11/2021. Youtube. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=P2RqJ708ROQ> Acesso em 23/12/2021.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p. 4.

GUEDES, Simoni Lahud. Que povo brasileiro no campo de futebol? In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2002, Porto, Portugal. **Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Porto: Faculdade de Letras dda Universidade do Porto, 2000. v. 1. p. 555-560.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história. In: **23ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2002, Gramado - RGS. 23ª Reunião Brasileira de Antropologia - Cd-Rom, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud; Da Silva, Edison Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia** (3), p.73-89, 2019. Em Memória Académica. Disponível em:< http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf> Acesso em 20/07/2022 às 20:49.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. GORDON JR, César C. Sociologia, **história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge. LOVISOLO, Hugo. A Invenção do Futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

KFOURI, Juca. Agora, nós é que somos a Itália. In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº1044, p.10, 22 de junho 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=ntYh7fCFZsoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 22/12/2021.

KFOURI, Juca; RODRIGUES, Jorge Luiz. **Era Maradona**. In: Placar Magazine, São Paulo: Editora Abril, nº, p.4.1045, 29 de junho de 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=zKbR4CR86ScC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 22/07/2022.

LAZARONI, Sebastião. Sebastião Lazaroni (parte 3) [dezembro de 2018]. Entrevistadores: Equipe Ludopédio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 18, n. 34, 2018.

LUKÁCS, György. **Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

LOUREIRO, César. **Foto da Seleção Brasileira**. Agência o Globo, 1990.

NOGUEIRA, Armando. Com Bebeto no time e Romário no banco. In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº1044, p.10, 22 de junho 1990. Disponível em:<

https://books.google.com.br/books?id=ntYh7fCFZsoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/12/2021 às 17:02h.

MACEDO, Evaristo de. O Hexa Comemorado com Muitos foguetes. **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, p.24-25, 03 de agosto de 1990. nº1050. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=B_AVd0iN0jUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/07/2022.

PEDRON, Caio César. O problema do sofrimento imerecido ou por que Marinho não culpou Deus na hora da derrota? **Ludopédio**, São Paulo, v. 143, n. 23, 2021.

PLACAR. Ricardo Teixeira: O Poderoso Chefão. In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº972, p.10-13, 27 de janeiro de 1989. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=V61fR6FI-WEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/12/2021 às 19:16h.

PLACAR. Transferência de Neto: Novela com os Dias Contados. Placar Magazine, São Paulo: Editora Abril, nº1049, p.12, 27 de Julho de 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=dMMWVttrK0sC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 23/07/2022.

ROCHA, André. Há 30 anos, seleção venceu desconfiança em casa e foi gênese do tetra. **UOL,** 11 de junho de 2019. Disponível em:< https://andrerocha.blogosfera.uol.com.br/2019/06/11/ha-30-anos-selecao-venceu-desconfianca-em-casa-e-foi-genese-do-tetra/> Acesso em: 06/11/2022.

SANTOS, José Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. Editora Brasiliense, 1981.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!** construções e reconstruções da identidade Nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra frente, Brasil!** Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983). Coleção Entrejogos. São Paulo: Intermeios. 2018.

STÉDILE, Miguel Enrique. Capitão Cláudio Coutinho: símbolo da militarização do futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 152, n. 4, 2022.

VERRI, Carlos Caetano Bledron [Dunga]. O Diário de Dunga: Parada para Respirar (11 de junho de 1990). In: **Placar Magazine**, São Paulo: Editora Abril, nº1044, p.13, 22 de Junho 1990. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=ntYh7fCFZsoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em 24/12/2021 às 08:28h.